

Contratos da renegociação ficam para novo governo

BRASILIA
AGÊNCIA ESTADO

O governo de Tancredo Neves é que terá de assinar os contratos da atual renegociação da dívida externa com cerca de 700 bancos credores, que vem sendo conduzida pela cúpula econômica do governo do general João Figueiredo. A informação foi prestada ontem por um dos principais negociadores da dívida externa.

A explicação é de que, embora a renegociação deva ser retomada pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, o fechamento do acordo deve demorar ainda alguns dias. Depois, deve demorar no mínimo dois meses o processo burocrático de o Brasil enviar minutas dos contratos para cerca de 700 bancos, com cada um fazendo seu próprio exame e depois dando a resposta.

Assim, a assinatura formal da renegociação que abrange dívida de US\$ 46 bilhões, será de responsabilidade da cúpula econômica do governo de Tancredo Neves. Não há outra solução, afirmou a fonte consultada por *O Estado*, acrescentando que também não espera nenhuma rejeição do acordo por parte do presidente eleito.

Um ministro de Estdo afirmou que a cúpula econômica do governo Figueiredo vem fazendo o máximo de esforço para fechar o melhor acordo possível. Lembrou que os banqueiros já aceitaram as pretensões brasileiras, de estabelecer-se nos primeiros sete anos minirreajustes do pagamento da dívida externa, com inclusão de parcelas mais elevadas nos nove anos seguintes.

Porém, os banqueiros não abrem mão de um *spread* de 1,125% — taxa de risco — maior, numa atitude que o ministro qualifica de intransigente. Segundo ele, os banqueiros credores se fazem de surdos e mudos diante da insistência do Brasil para que a taxa de risco seja menor. Ele reclama que os banqueiros querem dar ao Brasil o mesmo tratamento oferecido ao México e à Polônia. E o Brasil continua a lembrar que justamente



Arquivo

Ontem, Tancredo recebeu relatório sobre a dívida externa

foram esses países que criaram pânico no mercado financeiro internacional, ao declarar moratória.

As autoridades econômicas brasileiras se dizem decepcionadas com os banqueiros credores internacionais. Um dos negociadores chegou a dizer que os banqueiros estão sendo “drasticamente injustos e ingratos” com o Brasil, mas também não espera que eles venham a ficar comovidos com os reiterados apelos do País. Para um ministro, agora é esperar o resultado dos entendimentos de Pastore.

TANCREDO COM GALVÊAS

Mesmo dizendo que não estava preocupado com a dívida externa, por entender que “isso é um problema do atual governo”, o presidente eleito Tancredo Neves recebeu do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e do secretário da Receita Federal, Francisco Dornelles, “uma relação e um histórico da posição do Brasil” na questão, numa reunião de quase duas horas que manteve ontem em Brasília.

A reunião foi na residência de Francisco Dornelles, e foi a primeira atividade de ontem do presidente Tancredo Neves. Esse encontro durou quase duas horas e Tancredo só foi comentá-lo à tarde, quando deixava o seu apartamento, dizendo: “Eu vou fazer uma viagem ao Exterior e eles (Galvêas e Dornelles) me deram uma relação e um histórico da posição do Brasil em face desses países que eu vou visitar”.

Na rápida conversa que manteve com os jornalistas, andando debaixo do prédio de seu apartamento, rumando para o carro, o novo presidente do Brasil declarou, já demonstrando uma certa irritação sobre a questão dos nomes que vem sendo apontados como “ministros certos” do seu governo, que não tinha nenhum deles escolhido e nem convidado e que só tratará do Ministério depois do seu regresso do Exterior. Frisou que deixava o Brasil “tranquilo e em ordem”, mas negou que iria ao Vaticano convidar o papa a voltar ao Brasil, alegando que “isso não é a minha missão”.